

SUMÁRIO

ESCOLHE A VIDA	pág. 03
<i>J. Thomaz Filho</i>	
APRESENTAÇÃO.....	pág. 05
<i>Maria Helena Arrochellas</i>	
INTRODUÇÃO AO LIVRO DO DEUTERONÔMIO	pág. 07
<i>Pe. José Oscar Beozzo</i>	
COMO LER O LIVRO DO DEUTERONÔMIO.....	pág. 10
<i>Ivo Storniolo</i>	
IDEIAS-FORÇA DO LIVRO DO DEUTERONÔMIO	pág. 15
<i>Adélia Terezinha de Abreu</i>	
CÁPITULO 15 DO DEUTERONÔMIO	pág. 18
<i>Adélia Terezinha de Abreu</i>	
SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS.....	pág. 20

PE. JOSÉ OSCAR BEOZZO

Teólogo

Historiador

Coordenador Geral do Centro Ecumênico de
Serviços à Evangelização e Educação Popular – CESEEP / SP
Professor Pós-Graduação em História da Igreja no ITESP

ADÉLIA TERESINHA DE ABREU

Estudante do Curso de Graduação de Teologia PUC / RJ

Auxiliar de Biblioteca na ANEAS – PUC / RJ

B450f Beozzo, Pe. José Oscar

Flor e Canto: Encontros Ecumênicos. Texto-Base:
Deuteronômio: ano XXI: 2013 / Pe. José Oscar Beozzo;
Adélia Teresinha de Abreu. Petrópolis, RJ: Centro Alceu
Amoroso Lima para a Liberdade / CAALL, 2013.

1. Deuteronômio. 2. Encontros Ecumênicos. 3. Flor
e Canto. I. Beozzo, Pe. José Oscar. II. Abreu, Adélia Terezi-
nha de. III Cavalcanti, Tereza Maria Pompéia. IV. Título.

CDD 222

ESCOLHE A VIDA

*Escolhe, pois, a vida.
Escolhe, pois, o bem.
Não vás causar ferida
em ti nem em ninguém.*

*Na história, tu não vês
que sou a tua luz?
Do Egito a mesquinhez
ainda te seduz?*

*Findei a escravidão,
firmei a liberdade.
Não vês que a minha mão
te trata com bondade?*

*Não vou fazer por ti
a vez do teu fazer.
Mas planta por aqui
a paz do teu querer!*

*Estou do lado teu
sem falsas ilusões.
Teu passo esmoreceu?
Pois vence os teus senões!*

*Não chames de castigo
os frutos da discórdia.
Te vejo no perigo?
Eu sou misericórdia!*

*Ó tu, homem, mulher,
criança ou estrangeiro,
não sejas um qualquer,
entende o meu roteiro!*

*Te quero ver feliz:
pra tanto existe a terra!
Não ouças quem te diz
que a paz está na guerra!*

*Sim, cuida da ternura!
E cuida do teu chão!
Eu sou a mão segura,
teu Deus, teu guia e pão!*

*J. Thomaz Filho
<jthf@ig.com.br>*

APRESENTAÇÃO

“ESTAS SÃO AS PALAVRAS QUE MOISÉS...” (Dt 1,1)

E aqui está nossa Família *Flor e Canto*, reunida de novo, neste início de ano de 2013, quando completa sua maioridade. Vem para professar sua fé e, com entusiasmo e alegria, prestar o serviço de anunciar a Boa Nova da Palavra de Deus. Sim, são já VINTE E UM anos ininterruptos de estudo e partilha dos ensinamentos bíblicos!

E é neste festejar da maioridade, que vamos nos debruçar sobre o livro do Deuteronômio.

Nos encontros preparatórios de estudos com as pacientes e competentes sinalizações do Beozzo, da Tereza e da Adélia, fomos descobrindo o que estava por trás – nos longos 34 capítulos do livro –, das exortações às obrigações das leis; das severas advertências e das grandes ameaças para quem não as cumprisse (cf Dt, 4, 25-31). Ao irmos nos aprofundando no estudo, vimos, porém, que havia a necessidade destas admoestações pouco suaves. Era uma nova geração que se encontrava na prometida Terra, geração esta que não havia vivenciado experiências marcantes, como o milagre do Mar Vermelho ou escutado a Lei sendo dada do Monte Sinai. Estas advertências ganham, então, sentido por terem o objetivo de orientar o povo.

Descobrimos, finalmente, e é isto que os nossos queridos assessores nos mostraram e agora partilham com vocês através do Texto Base, que assim como, “*Israel se lembrou da fidelidade de Deus, também devemos fazer o mesmo. A travessia do Mar Vermelho, a presença sagrada no Sinai e a bênção do maná no deserto devem ser um incentivo para nós também*” (cf Dt 8, 2-10).

Descobrimos ainda uma bela imagem e, para mim, a mais importante no Deuteronômio: a figura de um Deus amoroso que deseja amar seus filhos e filhas e ser por eles amado; um Deus que aponta o amor como o motivo principal da criação, um amor que O motivou a livrar Israel da escravidão e “com mão poderosa” os remiu (Dt 7, 7-9).

E é esta prova do amor de Deus para com seus filhos e filhas, que queremos viver nestes três dias de encontros, reencontros, descobertas, de agradecimentos do fundo do coração, a todos e todas que se empenham, ano após ano, para fazer com que o *Flor e Canto* cumpra sua Missão de ser testemunho da Boa Nova.

Finalizo esta pequena apresentação com as mesmas palavras que escrevi, na apresentação do primeiro Texto-Base, em 1993, quando estudamos a formação do Povo de Deus, no Êxodo:

“Que este texto de estudos que está chegando às suas mãos seja a flor que há de se abrir e o canto que há de vibrar a partir deste chão consistente que é a Palavra de Deus na Bíblia e na realidade de nossas vidas”.

Petrópolis, 12 de janeiro de 2013.

MARIA HELENA ARROCHELLAS

1.

INTRODUÇÃO AO LIVRO DO DEUTERONÔMIO¹

Pe. José Oscar Beozzo

TÍTULO

O título em grego, DEUTERONÔMIO, vem de “deuteros” que significa “segundo” e “nomos”, que significa lei: SEGUNDA LEI, ou segundo livro da lei. Supõe-se um 1º. livro que o precedeu. É o quinto livro da TORAH (a lei, em hebraico) ou do PENTATEUCO (cinco, em grego).

Os judeus o chamavam de DABARIM, “palavras”, porque o livro até o final do capítulo 33 é apresentado como um longo DISCURSO DE MOISÉS. Nele cabem muitas coisas que são assim apresentadas, no início de cada uma das quatro seções:

- 1) PALAVRAS que Moisés disse a todo Israel do outro lado do Jordão (retrospectiva): 1, 1;
- 2) LEI que Moisés promulgou aos israelitas: 4, 44;
- 3) TERMOS DA ALIANÇA que Deus mandou Moisés concluir com o povo em Moab (28, 69);
- 4) BENÇÃOS que Moisés pronunciou sobre os israelitas antes de morrer (33, 1).

CONTEÚDO

O povo acabou seu longo peregrinar que o trouxe da escravidão do Egito, pelo deserto, até as portas da terra prometida. O Deuteronômio é como o final de uma longa história e ponto de partida de uma nova história:

- Final para MOISÉS, o condutor do povo, que saiu do Egito, percorreu o deserto e vai terminar sua vida no alto de um monte sem entrar na terra (final do cap. 34).
- Final para o POVO, porque a massa de escravos saídos do Egito já é um povo livre, em aliança com seu Deus, equipado de leis e instituições.

1 Resumo por Beozzo da introdução ao Deuteronômio de Alonso Schökel na Bíblia do Peregrino.

O livro tem um tom de despedida e de testamento espiritual. São as “últimas palavras”. Moisés repassa os episódios importantes desde o Sinai (às vezes salta até o Egito) e ainda remonta aos patriarcas.

Antes de morrer, Moisés dá início ao assentamento das tribos. Promulga um código que prevê e decide as situações mais importantes da comunidade: monarquia, sacerdócio, profetismo, culto, justiça social, guerra e paz, família, escravidão e sociedade, direito civil, processual e penal.

HISTÓRIA

O Deuteronômio, ou grande parte dele parece que foi lido por muito tempo doutro modo: não como final do Pentateuco, mas como começo de uma grande obra histórica que abrangia o tempo na terra prometida desde a entrada, cruzando o rio Jordão, até a saída, a caminho do exílio (cerca de 1.200 AC até 587 AC). Não só começo, mas inspiração para modelar em última instância o relato histórico.

Quando o Deuteronômio mudou de lugar dentro da Bíblia? Supõe-se que foi depois da reforma de Esdras no final do século V (485).

Conforme essa teoria, aceita pela maioria dos biblistas, o autor derradeiro da compilação histórica introduziu os capítulos 1-3, que permitiam oferecer um resumo histórico com nova perspectiva e acrescentou a transmissão de poderes a Josué. Essa obra se estendia até o final do livro dos Reis. Nessa posição, o Dt era o texto da Aliança que organizava a vida na terra, prevendo e sancionando a lealdade e a deslealdade do povo. E como a história terminava no exílio, o livro justificava de antemão o castigo de Deus. Moisés previa o desfecho e pronunciava uma última palavra de esperança, o que supõe consumado o exílio que se projeta no passado como profecia. A aliança em Moab adquire, assim, importância capital. Liga-se com a do Sinai (Ex 19-24), que guarda na memória, mas lhe atribui somente o Decálogo (cap. 5), como lei promulgada. O restante Moisés escuta, conserva e promulga antes de morrer.

AUTOR

Não podemos falar de autor. Os autores se mostram como teólogos, juristas (sacerdotes e escribas) e oradores (profetas). Conheciam também o pensamento e a linguagem sapiencial (sábios).

FORMA

O esquema ou padrão que melhor explica a quase totalidade do livro é a ALIANÇA, com sua introdução histórica, princípio fundamental, cláusulas diferencia-

das e comentadas, sanções positivas e negativas, cerimônias. Para criar e manifestar a ordem, os autores se valem de frases e palavras repetidas: “mandamentos e preceitos; escuta Israel”, e muitos termos que se convertem em guia de sentido. O estilo é jurídico na lei, oratório na exortação (exceto os poucos textos poéticos, (caps 32-33): acumula sinônimos, acrescenta adjetivos (raros no hebraico), constrói períodos, alonga a frase com complementos.

ESPÍRITO

O livro é de uma excepcional riqueza teológica e ética. Superado o esforço de leitura, o Deuteronômio surpreende, revela-se um tesouro inesgotável. A forma jurídica da aliança expressa a fidelidade exclusiva, total e duradoura ao único Senhor. A aliança se articula numa lei, TORAH, que ordena toda a vida do indivíduo e da sociedade: a fidelidade ao Senhor se traduz no cumprimento da TORAH. A aliança se baseia na bondade generosa do Senhor mais do que em promessas humanas: supera o pecado e torna possível a conversão.

Israel é um povo ideal de irmãos. As autoridades estão em função do povo: de modo particular a favor dos desvalidos e marginalizados. A justiça e o amor fraterno são os princípios de coesão dessa sociedade ideal.

2.

COMO LER O LIVRO DO DEUTERONÔMIO:

Escolher a vida ou a morte

*Ivo Storniolo*²

Introdução Um Livro Antigo e Novo

O Deuteronômio sempre foi muito importante para o judaísmo. É nele que se encontra o *Shemá* (6,4-9), que os judeus até hoje recitam diariamente e que é o centro do livro. Na biblioteca de Qumran foram encontradas 15 cópias do Deuteronômio, ao passo que de outros livros foram encontradas no máximo 5 cópias. A sua importância para as primeiras gerações cristãs é atestada pelo fato de que ele é um dos três livros mais citados pelo Novo Testamento, ao lado de Isaías e Salmos, além de influenciar a eclesiologia de Paulo, a moral evangélica e, principalmente, a concepção de Deus como Pai amoroso. Tudo isso nos leva a considerar o Deuteronômio como uma das colunas básicas, tanto do Antigo Testamento quanto do Novo. Segundo G. Von Rad, ele é “como um foco no centro da história religiosa de Israel, reunindo em si os raios particulares de todos os temas do Antigo Testamento, num equilíbrio nunca antes atingido, e que não o seria jamais”.

“DEUTERONÔMIO”: UMA SEGUNDA LEI?

Em 17, 18 se diz que o rei deverá providenciar uma “cópia desta Lei”. Quando os alexandrinos traduziram o Antigo Testamento para o grego (versão dos Setenta), a expressão foi traduzida por “to deuteronomion touto*” (= esta segunda Lei) e, através do latim (“deuteronomium”), o nome passou para as demais traduções.

Simple erro de tradução? Talvez não. Os alexandrinos provavelmente quiseram salientar que o livro é uma atualização da Lei contida no Código da Aliança (Ex 20-23). Com efeito, o Deuteronômio é uma atualização da antiga legislação, procurando adaptá-la a novos tempos e situações.

STORNILO, Ivo, Como ler o livro do Deuteronômio: Escolher a vida ou a morte. São Paulo: Paulinas, 1992. O que é apresentado é uma seleção de textos do livro organizada por Beozzo e Adélia: pp. 7 a 14.

UMA PEDAGOGIA DE FIDELIDADE

O Deuteronômio encerra o grande conjunto do Pentateuco, centrado literariamente na figura de Moisés. Neste livro temos as últimas palavras de Moisés e seu destino. Sua colocação no fim do Pentateuco se deve ao momento histórico (cerca de 1230-1220 a. C.) e ao lugar geográfico a que o seu conteúdo se refere: a terra de Moab, no além-Jordão, no último ano da marcha pelo deserto (Dt 1, 1-3), antes da entrada na Palestina central. Como veremos, essa localização histórico-geográfica é fictícia, pois, embora contenha materiais antigos, o livro se formou a partir dos meados do séc. VIII (por volta de 750 a.C.).

Por que este livro veio parar aqui? O lugar e o momento são significativos, pois o Deuteronômio foi colocado entre acontecimentos importantes: de um lado, a libertação da escravidão no Egito, a aliança com Javé e a marcha pelo deserto (Ex, Nm, Lv) – de outro, a posse de Canaã, a terra Prometida (Js, Jz). Em outras palavras, após ser liberado da opressão e exploração criadas pela idolatria e auto-suficiência humana (Egito), o povo entra em aliança com o Deus vivo e libertador. Mas não basta isso. É preciso que o povo *aprenda* a viver a liberdade e a construir relações econômicas, políticas e sociais justas, a fim de construir uma sociedade nova, centrada na liberdade e na vida, dentro da Terra Prometida (ver Ex 3,7-8).

O Deuteronômio é, portanto, um aprendizado, uma pedagogia da liberdade e da justiça, a fim de construir uma sociedade em aliança fiel com o Deus que libera e dá vida para todos (4,40; 6,24-25; 8,1-5). Nessa perspectiva, o Deuteronômio apresenta ficticiamente Moisés que reúne o povo e faz o seu “discurso de despedida”, exortando à fidelidade para com Javé. Ele relembra o passado e indica as possibilidades e perigos do futuro (1-4), dá instruções para a vida na terra (5-28), estipula uma nova aliança em Moab e passa o cargo a Josué (29-31); pronuncia depois o seu cântico e bênção (32-33), sobe ao monte Nebo, contempla a Terra Prometida e morre (34). Como vemos, o livro se apresenta como um longo e dramático apelo à *conversão*, dirigido à liberdade que pode escolher entre o Deus vivo e os ídolos, entre a liberdade e a escravidão, entre a vida e a morte (30,15-20).

FIDELIDADE ENCARNADA EM NOVOS TEMPOS

O Deuteronômio é um apelo de conversão dirigido ao povo que vai atravessar o Jordão e tomar posse da terra. Isso, porém, depende da fidelidade do povo a Javé. É por essa razão que o aspecto do livro é o de uma lei ou instrução “inculcada” (1,5), isto é, martelada, repisada, repetida, devido à sua urgência e importância.

O aspecto particular é que o livro se apresenta como uma legislação fundada no Decálogo (5,1-21) e que foi confiada a Moisés para ser exposta ao povo que a deveria cumprir na Terra Prometida (5,31; 6,1-3). O livro, portanto, contém

“as palavras conclusivas da aliança que Javé mandou Moisés fazer com os Israelitas na terra de Moab, além da aliança que já havia feito com eles no Horeb” (28,69).

Vemos então que uma das preocupações do livro é ligar as leis deuteronomícas (12-26) ao Decálogo (5,1-21), mostrando que a autoridade dessas leis se baseia no fato de que elas vieram igualmente por meio de Moisés. Há uma intenção muito clara de fazer uma espécie de edição atualizada no Decálogo e do Código da Aliança contidos em Ex 20-23. Por que isso? Porque de fato o autor do Deuteronomio viveu muito tempo depois do “tempo da narração”. Ele está vivendo numa época em que os acontecimentos previstos já aconteceram: infidelidade à aliança, opressão política, exploração econômica, religiões e cultos idolátricos, problemas sociais, lutas, etc. – coisas que veremos ao examinar a história da formação do livro. A esta altura, porém, já podemos perceber que o autor via o seu povo na mesma situação em que os Israelitas se encontravam antes de entrar em Canaã:

“Fique em silêncio e escute, Israel: Hoje você se tornou o povo de Javé seu Deus” (27,9). “Até agora vocês ainda não entraram no lugar do repouso e na herança que Javé seu Deus vai dar a vocês” (12,9).

Em outras palavras, o povo do tempo do autor devia novamente passar pela conversão que se expressa social e historicamente pelo movimento que vai do Egito à Terra Prometida, da idolatria para o Deus, da injustiça para justiça, da escravidão para liberdade, da morte para a vida. No centro do movimento está a atitude para com Javé e o seu projeto, expresso no Decálogo e explicitado nas leis deuteronomícas:

“Observem todos os mandamentos que eu hoje lhes ordeno, para que se tornem fortes, entrem lá e tomem posse da terra para a qual estão atravessando, a fim de conquistá-la. Desse modo, vocês prolongarão seus dias na terra que Javé prometeu dar a seus antepassados e aos descendentes deles, uma terra onde corre leite e mel” (11,8-9).

ESTILO E GÊNERO LITERÁRIO

O estilo do Deuteronomio é marcado e individual, diferente do de qualquer outro livro do Antigo Testamento. Lembra o estilo fogoso e direto de Jeremias, e tem melhor sabor quando é ouvido do que quando é lido individualmente. Nele encontramos uma oratória fluente e solene, servindo aos propósitos do autor:

atingir, comover, convencer e influenciar os ouvintes não só pelo intelecto, mas também pelo sentimento. Para isso, ele usa frases longas e envolventes, ampliações do pensamento, estilo direto, repetição frequente das ideias principais.

Deste modo, o autor produziu uma obra cheia de vida e de força persuasiva, dentro de um gênero que seria monótono (legislação). No livro, encontramos três elementos: leis, narrativas e exortações. As *leis* são apresentadas de modo caloroso, apelando ao bom-senso e ao sentimento, apoiando-se em argumentos que questionam diretamente a consciência (15,12-18). As *narrativas* falam de um passado, mas dirigem-se ao presente e, usando um tratamento direto, visam a formar uma consciência histórica que constrói futuro (5,1-3; Sl 78,1-8). As *exortações* se dirigem à liberdade e pedem uma decisão (28; 30).

O gênero literário ou chave de comunicação do livro é bastante complexo e resulta de uma confluência das instituições do tempo do reino dividido. Aí encontramos o eco dos personagens centrais, com suas funções e literaturas próprias:

- o *sacerdote*, com a lei ou instrução, indicando diretivas práticas em questões difíceis e conflitivas. Neste sentido, o Deuteronômio é diretiva prática, é lei (17,8-13);
- o *profeta* com sua oratória fluente e emotiva, a fim de atingir os ouvintes com sua leitura dos acontecimentos e convencê-los a uma mudança radical. Neste sentido, o Deuteronômio é uma lei proclamada, um anúncio profético que provoca a conversão (11,26– 28; 30,15-20);
- o *sábio* com seu conselho perspicaz, fazendo ver a realidade para educar o discernimento que pode levar o homem à realização da vida, atingindo prosperidade e felicidade. Neste sentido a lei do Deuteronômio é conselho de sabedoria que leva o povo à vida (4,6-8).

Vemos, portanto, que o Deuteronômio reúne três chaves fundamentais do Antigo Testamento: a lei ou instrução, que orienta em situações conflitivas (sacerdotes), apresentada como palavra de conversão (profetas) e como conselho que leva à vida (sábios). Tudo isso foi inserido num outro grande gênero: o da história, que relata o passado para ensinar a decidir o futuro no presente. Tudo, porém, caminha para formar uma grande catequese sobre a fidelidade ao único Deus vivo (6,4-9), que leva à justiça e à vida:

“Javé, então, nos ordenou cumprir todos esses estatutos, temendo a Javé nosso Deus, para que sempre tudo nos corra bem e para nos dar a vida, como hoje se vê. Esta será nossa justiça: cuidarmos de colocar em prática todos esses mandamentos diante de Javé nosso Deus, conforme Ele nos ordenou” (6,24 – 25)

COMEÇANDO A PENSAR...

1. Alguém do grupo já leu o Deuteronômio alguma vez? O que achou?
2. O Deuteronômio é como uma grande pregação. Dividir em grupos e pedir que uma pessoa que lê bem leia todo livro para o grupo ouvir, ou ao menos os capítulos 5 ao 8.
3. Depois da leitura, partilhar o que mais interessou a cada um.
4. É importante encarnar a fé no tempo em que vivemos? O que significa encarnar a fé?

3.

IDEIAS-FORÇA DO DEUTERONÔMIO

Adélia Terezinha de Abreu

As principais e mais marcantes ideias no Livro do Deuteronômio podem ser definidas em três palavras: um DEUS, um POVO, um CULTO.

a) Um único lugar de culto

Quando os hebreus se instalaram no país de Canaã, conservaram os mesmos santuários e “lugares altos” onde os cananeus rendiam culto aos seus deuses. Estes, porém, foram dedicados ao culto a YHWH (Senhor) ligando-os aos patriarcas. Os locais eram: Siquém: Gn 12,6; 33,18; 35,4; 37,12; Dã: Gn 14,14; 30,6; Jz 18,29-30; Betel: Gn 12,8; 31,13; 35,1.15; Jz 20,18; 21,2; Silo: Js 18,1.10; 19,51; 21,2; Jz 18,31; 1Sm 1,3; 3,21; 4,4; cf. Ex 20,24; Jz 6,25-32; 13,15-17; 1 Rs 3,4).

Frente a este costume de Israel, ligado aos lugares altos, o Dt enuncia o princípio da unicidade do lugar de culto como vontade de YHWH (Senhor). Somente “no lugar que YHWH escolher” será possível oferecer sacrifícios (Dt 12,13-19). O texto não indica o lugar onde estará este único santuário, porém mais tarde este lugar será aplicado ao Templo de Jerusalém como pode ser visto no texto de 1Rs 9,3;11,36.

Muitas são as consequências para o povo, pois ao postular um único lugar lícito de culto para se oferecer os sacrifícios, modificava-se, notavelmente, a vida religiosa do povo, sobretudo para os filhos de Israel que viviam em povoados distantes de Jerusalém, já que não poderiam ir ao Templo com tanta frequência.

Será neste único lugar de culto onde se centralizarão as atividades religiosas:

- A entrega dos dízimos (cf. Dt 14,22-27);
- O sacrifício dos primogênitos (cf. Dt 15,19-23);
- A oferta de primícias (cf. Dt 26,1-3);
- A celebração das festas anuais (cf. Dt 16,1-17);
- O julgamento feito pelos juízes levitas (cf. Dt 17,8-13)
- Com a centralização do culto, os levitas (sacerdotes) ficaram desocupados, no momento em que se fecharam os santuários locais. Por isso, se eles vão ao santuário central terão os mesmos direitos que os sacerdotes do lugar (cf. Dt 18,1-8).

b) Um único Deus

Na forma atual e final do livro do Deuteronômio, a unicidade do local de culto é consequência da unicidade de Deus, que vem expressa através da fórmula em Dt 6,4 “Escuta Israel, YHWH é o nosso Deus, YHWH é uno”.

A afirmação da unicidade de Deus não quer dizer, necessariamente, que o Dt estivesse proclamando o monoteísmo. Ele aceita a existência de múltiplos deuses para os diferentes povos (cf. Dt 4,19.35.39, 32,39). O que se afirma é que, diante da multiplicidade de deuses, Israel adorará a um só Deus, YHWH.

O princípio da unicidade de Deus tem grandes consequências sobre a conduta humana: “Amarás a YHWH, teu Deus, com todo o coração, com toda a alma, com todas as tuas forças” (Dt 6,5). Se as antigas formulações legais proibitivas excluía a adoração aos deuses cananeus e estrangeiros, o Dt entende a exclusividade divina num sentido antropológico, como totalidade de conduta. À unicidade de Deus corresponde a entrega indivisa, sem reservas, do homem como um todo ao seu único Deus: YHWH.

c) Um só povo

Enquanto os preceitos mais antigos interpelavam o indivíduo como pessoa, o Dt em suas passagens na 2ª pessoa do singular (tu) ou na 2ª pessoa do plural (vós) se dirige a todo o povo. A unicidade de Deus corresponde a unicidade-unidade do povo: YHWH está diante de “todo o Israel” convocado por Moisés (cf. Dt 5,1).

Por um lado, o Dt inculca aos seus ouvintes-leitores que YHWH é “teu Deus” ou “vosso Deus”. E isto é feito numa medida muito maior que em todo o restante do AT, ao ponto desta posição ser considerada pelos estudiosos como um elemento característico e típico da literatura presente no Deuteronômio chamada de *deuteronômica* ou *deuteronomista*.

Por outro lado, Israel é qualificado como “propriedade” de Deus, como “povo santo” (cf. Dt 7,6; 14,2; 26,18-17). Israel, por isto, é distinto dos outros povos. Esta é uma diferença etnológica já conhecida pelas antigas tradições (cf. Ex 8,18-19; 9,4-5; Nm 23,9).

O perigo de um mau entendimento deste aspecto preferencial do povo vem superado pelo Dt quando a santidade de Israel é pautada na eleição de Deus, baseada somente no amor (cf. Dt 4,37; 7,7-8) e prometida de forma inquebrantável com o juramento feito aos pais. Desta forma, Israel não obtém a terra prometida por razão de suas próprias capacidades e de seus méritos, mas graças à promessa que YHWH fez aos patriarcas.

As pessoas constituídas em dignidade devem sair “dentre os seus, de seus próprios irmãos”. Assim será o profeta prometido (cf. Dt 18,15.18) ou o próprio

rei (cf. Dt 17,15), que vê os seus direitos limitados e “não pode levantar-se orgulhoso sobre seus irmãos” (cf. Dt 17,20). Não se estaria insinuando, deste modo, mesmo pesando a diversidade dos cargos, a igualdade fundamental de todos os membros do povo diante de Deus?

As relações dos irmãos entre si dão lugar a consequências sociais, já que também o *compatriota empobrecido* é “teu irmão pobre” (cf. Dt 15,2-3.7-8; também Lv 25,35-36), que não deve ser tratado com dureza, mas a ele se deve perdoar as dívidas, para que os grandes participem nos dons de Deus. Junto com as *viúvas* e os *órfãos* (cf. Ex 22,21-23; Is 1,17.23), são incluídos na lista das pessoas desamparadas os *estrangeiros* e os *migrantes*, cidadãos desprotegidos, que vivem sem herança, distante de sua pátria e de seus parentes e aqueles que carecem de certos direitos e também os *levitas* (cf. Dt 14,29; 16,11.14, 26,12-13). O mesmo espírito de solidariedade penetra algumas leis concernentes a diversas áreas da vida humana, porém, por sua tendência comum se podem reunir debaixo de um denominador comum: *leis humanitárias* (cf. Dt 15,1-18; 22,1-8; 23,16-26; 24,6.10-22; 25,1-4). Tais disposições não saíram muitas vezes do plano teórico.

A unicidade do povo de Deus se expressa não somente na convivência cotidiana de Israel, mas também na visão comum do passado. A atualização do passado é mais importante do que a recordação de um feito histórico: YHWH nos tirou do Egito (cf. Dt 4,20; 6,20-21; 26,6-7).

A palavra mosaica interpela os viventes através dos séculos. O passado fica, de certo modo, absorvido pelo hoje da narração: “YHWH não concluiu esta aliança com nossos pais, mas conosco, conosco que estamos hoje aqui, todos vivos.” (Dt 5,3).

O Dt não contém nenhuma expectativa de futuro propriamente dita. Todavia sabe de uma superabundância derramada sobre o presente, quando promete ao que é fiel uma vida longa (cf. Dt 5,16; 6,2; 11,9.21); quando promete o shalom (a paz), frente aos inimigos (cf. Dt 12,9-10.15; 25,19); quando promete a fecundidade da natureza e o fim de todas as enfermidades (cf. Dt 7,13-14).

Deveríamos considerar todos estes bens como já dados e presentes no meio do povo? Dificilmente a resposta seria sim. A verdadeira plenitude da vida humana é uma possibilidade ainda não realizada.

4.

O CAPÍTULO 15 DO DEUTERONÔMIO

Adélia Teresinha de Abreu

CONTEXTO DO CAPÍTULO

O capítulo 15 deste livro está localizado dentro do que chamamos Código Deuteronomico (12-26) e de forma especial faz parte de um conjunto cívico-litúrgico (Dt 14,22-16,17). Este conjunto estabelece relações de solidariedade, partilha de propriedades, libertação de escravos e escravas e alimentos para os mais fracos da sociedade: os levitas (Dt 14,29), os empobrecidos e necessitados (Dt 15,4.7.9.11), os escravos e as escravas (Dt 15,12-15), o migrante/peregrino e o órfão e a viúva (Dt 16,11.14).

POSSÍVEL ESTRUTURA DO CAPÍTULO 15

Os versículos de 1 a 18 desenvolvem o assunto do amor para com os irmãos necessitados, que anteriormente já havia sido comentado na exposição da maneira como dar o dízimo em 14,27ss.

A estrutura deste capítulo se subdivide em:

- vs. 1-6: remissão das dívidas
- vs. 7-11: exortação para que se torne uma realidade o preceito de solidariedade e de justiça com o irmão pobre.
- vs. 12-18: libertação dos escravos

ALGUNS PONTOS IMPORTANTES

Alguns pontos neste capítulo que podemos chamar de “leis humanitárias” são importantes e podem ser destacados:

Para que entre ti não haja pobres...

O ano de remissão das dívidas que encontramos em Dt 15,1-6 não se encontra na legislação israelita anterior. O que temos é no Código da Aliança de Ex 23,1-11, a lei do *descanso da terra*, porém, esta legislação não alterava o lucro dos proprietários, nem resolvia os conflitos, nem interferia nas relações socioeconômicas.

Mas aqui a proposta da remissão das dívidas é radical, vai muito além de Ex 23,1-11, de deixar a terra descansar. A proposta não é simplesmente perdoar as dívidas, mas intromete-se nos conflitos que geram as dívidas: a dependência e, consequentemente, a pobreza e a escravidão.

O que se está propondo aqui é que “*entre ti não haja pobres*”, ou seja, uma sociedade mais igualitária, onde todas as pessoas possam ter o necessário para viver.

Não endureças o teu coração, nem feches a tua mão a teu irmão pobre...

Nesta seção dos vs. 7-11, o destaque é o grande apelo, ou exortação para que sejam feitas realidade a solidariedade e a justiça para com o irmão empobrecido. Esse convite é reforçado por esta frase “*não endurecerás o teu coração, nem fecharás a tua mão a teu irmão que for pobre*” (v.7b).

Observar esses versículos dão margem para vários pensamentos, entre eles: que ao colocar esses versículos logo após e em oposição à seção anterior (Dt 15,1-6), nos leva a duvidar de que as leis sobre o cancelamento das dívidas não estavam realmente sendo atendidas; ou ainda que este é um texto de denúncia e resistência a uma situação que estava causando grandes conflitos sociais e levando ao empobrecimento, à fome, e até mesmo à escravidão de uma grande parte da população.

Lembra-te de que foste servo na terra do Egito...

Os versículos 12-18 apresentam a libertação de escravos e escravas e não basta, ou ainda não é suficiente libertá-los, mas é preciso garantir-lhes tudo o que for necessário para recomeçarem a vida, e não voltarem a cair na escravidão (vs. 13-14).

O convite a se ter sempre presente a memória libertadora do êxodo, pode significar, em primeiro lugar, que o projeto Deuterônômico quer promover uma comunidade de irmãos, com justiça, igualdade e liberdade, conforme as origens de Israel; e segundo, que esta continuará sendo abençoado por Deus ao fazer justiça e ser solidária com o irmão e a irmã.

SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS

Tereza Cavalcanti, Adélia e Beozzo

a) Contexto Histórico de quando o livro foi escrito:

GASS, Ildo Bohn, *Uma Introdução à Bíblia*: (vol. 4) Reino dividido. São Leopoldo: CEBI (R\$ 18,40). A primeira parte do volume trata do Reino do Norte, Israel, sua história de 931 a 722 a.C. e da literatura que lá surgiu, nesse período. Diferentemente do Reino do Sul, Israel foi um Estado mais descentralizado politicamente com alternância no poder. Nesse período, também houve um vigoroso movimento profético no Reino do Norte, além de uma releitura de antigas tradições. Foi lá que nasceu o núcleo central do Deuteronômio. A segunda parte trata da história e da literatura do Reino do Sul, Judá, no período que vai de 931 a.C. até o fim da dinastia davídica, a destruição de Jerusalém e do templo e o exílio de parte dos judaítas. Número de páginas: 180; Editora: CEBI

b) Estudo de algumas partes do Dt:

CRÜSEMAN, Frank, *Preservação da Liberdade – O decálogo numa perspectiva histórico-social*. São Leopoldo: CEBI (R\$ 19,50).

REIMER, Haroldo e RICHTER REIMER, Ivoni, *Tempos de Graça – O Jubileu e as Tradições Jubilares na Bíblia*. São Leopoldo: CEBI (R\$ 14,90).

Esse material pode ser encomendado no CEBI, Centro de estudos bíblicos. Eles enviam pelo correio. Mas também podem ser encontrados na Paulus e talvez nas Paulinas.

AGOSTINI, Pe. Leonardo, *Apostilas de estudo da disciplina Introdução ao Pentateuco*.

GÁRCIA Felix López, *O Pentateuco*, São Paulo: Paulinas, 1998.

BRIEND J., *Uma leitura do Pentateuco*, São Paulo: Paulinas, 1982.

CARRIERE, Jean-Marie. *O livro de Deuteronômio*. São Paulo: Loyola, 2005. 136 p. (R\$ 22,90).

STORNIOLO, Ivo. *Como ler o livro do Deuteronômio*. São Paulo: Paulus, 1992 (R\$ 12,50).